

PODER

Bolsonaro promete reajuste a servidores

Presidente diz que dará aumento de salário ao funcionalismo, em 2022 — ano eleitoral — se PEC dos Precatórios for aprovada pelo Senado

» CRISTIANE NOBERTO

O presidente Jair Bolsonaro afirmou, ontem, que dará reajuste aos servidores públicos se o Senado aprovar a PEC dos Precatórios. O chefe do Executivo, no entanto, não especificou de quanto será o aumento. A menos de um ano das eleições, essa é mais uma medida que ele lança mão para tentar atrair votos. O reajuste, no entanto, é inviável dentro do Orçamento, segundo senadores.

“Há possibilidade (de reajuste), porque, com a inflação, estamos há dois anos sem aumento. A inflação chegou a dois dígitos (o IPCA acumula 10,67% em 12 meses). Então, conversei com Paulo Guedes (ministro da Economia). Passando a PEC dos Precatórios, tem de ter um pequeno espaço para dar algum reajuste”, ressaltou Bolsonaro, que está no Bahrein, em viagem oficial. “Não é o que eles merecem, mas é o que nós podemos dar. A todos os servidores federais, sem exceção.”

Em outro aceno ao funcionalismo, Bolsonaro disse que a reforma administrativa “não atingirá os atuais servidores”. Ele ainda destacou que só realizará os concursos públicos essenciais. “Dessa forma estamos mostrando responsabilidade”, explicou.

Cautela

As declarações de Bolsonaro, no entanto, são vistas com descrença entre servidores. Para Edvandar Felix de Paiva, presidente da Associação Nacional de Delegados de Polícia Federal (ADPF), apenas um reajuste não é suficiente, pois não há aumento real há anos. “Nós estamos sem recomposição inflacionária desde abril de 2016. As perdas são enormes”, afirmou. A categoria fez protestos, ontem, pelo Brasil (leia reportagem abaixo).

Segundo Gil Castello Branco, secretário-geral da Associação Contas Abertas, a intenção de Bolsonaro é um exemplo de dar com uma mão e tirar com a

Alan Santos/PR



Encontro do presidente Jair Bolsonaro com o rei Hamad bin Isa Al Khalifa, em Manama, no Bahrein



A inflação chegou a dois dígitos, então conversei com (o ministro da Economia) Paulo Guedes. Passando a PEC dos Precatórios, tem de ter um pequeno espaço para dar algum reajuste. Não é o que eles merecem, mas é o que nós podemos dar. A todos os servidores federais, sem exceção”

Jair Bolsonaro, presidente da República

outra. Para o especialista, a “folga” no orçamento é praticamente inexistente, em se considerando as regras fiscais vigentes.

“Essas medidas sinalizam para o populismo fiscal às vésperas do ano eleitoral. O governo poderia cortar despesas discricionárias; reduzir subsídios; respeitar o teto de gastos, já considerando os precatórios do Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental) fora do teto de gastos; parcelar os precatórios dentro do que já prevê a Constituição; e negociar com o Congresso a redução do montante das emendas em vez de aumentá-las como já cogitam”, criticou. “A irresponsabilidade fiscal tem perna curta. As consequências ocorrem em cadeia: aumento do dólar, da inflação e dos juros; a retração dos investimentos; e o crescimento do desemprego.”

Prioridades

O líder do governo no Senado, Fernando Bezerra (MDB-PE), disse que o governo pode conceder reajuste aos servidores

públicos, mas indicou que as “prioridades” serão discutidas no Orçamento. Senadores temem que o governo use o espaço fiscal de R\$ 91,6 bilhões que se abrirá em caso de aprovação da PEC dos Precatórios para ampliar os salários do funcionalismo. Essa possibilidade foi acenada, inclusive, por Bolsonaro.

“O presidente sempre vai ter de escolher, porque as despesas discricionárias, as obrigatórias, estão muito apertadas. Como todos sabem, não ocorreram reajustes no serviço federal nos últimos três anos. Também votamos aqui o não reajuste para os governos estaduais nos anos da pandemia, ano passado e este ano, mas é possível, sim, conceder reajustes a partir do próximo ano”, sustentou Bezerra. “O que a gente entende, nas leituras que estamos fazendo, é que o espaço dentro do orçamento público está muito escasso, e as prioridades precisarão ser definidas quando da discussão da peça orçamentária, o que se dará até o final de dezembro.” (Com Agência Estado)

Policiais federais fazem protesto

» LUANA PATRIOLINO

Policiais federais de todo o país estão insatisfeitos com o governo Jair Bolsonaro e fizeram protestos ontem. A data escolhida não foi por acaso. Associações de delegados, peritos e agentes da PF aproveitaram o dia do policial federal e fizeram atos em Brasília e estados para cobrar as promessas não cumpridas pelo Executivo e pedir mais valorização dos profissionais.

Em frente à sede da PF em Brasília, os representantes das entidades colocaram faixas com frases de protesto. O presidente da Federação Nacional dos Policiais Federais, Luis Antônio Boudens, afirmou que as classes da polícia foram tratadas de maneiras diferentes por Bolsonaro. “Por que os militares não foram atingidos pelas reformas, enquanto os policiais perderam direitos?”, questionou.

Boudens defendeu que o momento é de pensar em união de todos os servidores da PF, independentemente do cargo. “Fizemos o dever de casa, mas precisamos nos manter unidos para garantir a preservação de nossos direitos”, frisou.

Está na mesa do chefe do Executivo uma proposta que reajusta o salário dos policiais federais, rodoviários federais e penais usando recursos da PEC dos Precatórios, em tramitação no Senado.

Reprodução/redes sociais



Integrantes da PF cobram promessas feitas por Bolsonaro

O presidente da Associação dos Delegados da Polícia Federal (ADPF), Edvandar Felix de Paiva, criticou a solução encontrada pelo Executivo. “Não deveríamos estar dependendo da PEC dos Precatórios para sermos valorizados. Quando o governo quer, ele encontra recursos para as suas prioridades. Se não encontrar para PF é porque a PF não é sua prioridade realmente”, enfatizou.

Eleito em 2018, Bolsonaro teve como uma das principais bandeiras a segurança pública e, com isso, ganhou a simpatia das classes

policiais. “Se for apenas propaganda eleitoral, o governo estará demonstrando que o discurso de valorização da polícia não era para valer. Que valorização é essa que só causou perda de direitos e de salários?”, questionou Paiva.

Em nota coletiva, as entidades também se manifestaram. “Os policiais não têm motivos para comemoração”, disse o documento divulgado. “No ano passado, no mesmo dia 16 de novembro, o então ministro da Justiça e Segurança Pública, em nome do presidente da



Não deveríamos estar dependendo da PEC dos Precatórios para sermos valorizados. Quando o governo quer, ele encontra recursos para as suas prioridades. Se não encontrar para PF, é porque a PF não é sua prioridade realmente”

Edvandar Felix de Paiva, presidente da ADPF

República, prometeu valorização e reconhecimento do trabalho prestado pelo policial federal. Um ano depois, nada de concreto foi efetivado.”

O documento foi assinado pela Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal (ADPF); Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais (APCF); Federação Nacional dos Delegados de Polícia Federal (Fenadepol); Federação Nacional dos Policiais Federais (Fenapef); e Sindicato dos Delegados de Polícia Federal (Sindepol).

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Bolsonaro viaja ao Oriente Médio para atrair investidores e agradar eleitores

A viagem das Arábias do presidente Jair Bolsonaro para atrair investidores mirou tanto a sua base eleitoral quanto os petrodólares com os quais o ministro da Economia, Paulo Guedes, imagina financiar a retomada do crescimento da economia no próximo ano, diante de previsões catastróficas dos analistas internacionais, inclusive os da prestigiada revista *The Economist*, que “erra todas”, segundo o nosso Posto Piranga.

No domingo e na segunda-feira, Bolsonaro participou do fórum *Invest In Brasil*, em Dubai, promovido pela Apex-Brasil, e visitou o pavilhão da Embraer na Dubai Airshow, evento do setor aeroespacial, e o pavilhão do Brasil na Expo 2020, onde a numerosa delegação brasileira festejou a viagem, com a primeira-dama Michele roubando a cena. Dubai é um emirado novo-rico, aberto para o mundo para não depender de uma atividade econômica sem futuro, o petróleo, e criar uma economia baseada no comércio internacional e no turismo, atividades que respondem hoje por 95% da sua economia.

Com o dinheiro do óleo, descoberto na região em 1966, voou do século 18 para o século 21 em apenas uma geração, nas asas da melhor companhia aérea da atualidade. Com um dos mais importantes hubs aeronáuticos do Oriente Médio, tornou-se um centro financeiro e de negócios que atrai executivos e milionários de todo o mundo, devido à segurança e às atrações turísticas de altíssimo luxo. É uma cidade-estado de população global (83% são estrangeiros), com um único dono, Sua Alteza Shaikh Mohammed bin Rashid Al Maktoum, conhecido como Shaikh Mo.

Ontem, a comitiva presidencial viajou para o Bahrein, onde Bolsonaro participou da inauguração da embaixada brasileira na capital do país, Manama, ao lado do rei Hamad bin Isa Al-Khalifa, cujo clã Bani Utbah capturou o Bahrein de Nasr Al-Madhkur, em 1778, e desde então governa o arquipélago do Golfo Pérsico. O Brasil deve se tornar o seu principal fornecedor de minério de ferro, superando a China e os Estados Unidos. Somos o quarto destino das exportações brasileiras no Oriente Médio, atrás de Arábia Saudita, Turquia e dos Emirados Árabes Unidos. No meio do Golfo Pérsico, suas 33 ilhas, juntas, não chegam à metade da cidade de São Paulo.

Foi a primeira nação a descobrir e explorar petróleo no Oriente Médio, na década de 1960. Sua exploração é responsável por 60% das exportações do Bahrein e por 18% do Produto Interno Bruto nacional. O país também investe na diversificação da economia, com a promoção da atividade industrial e de serviços financeiros, sendo o segundo produtor de alumínio do mundo, responsável por 16% das exportações do Reino no ano passado. O país também se destaca na produção de aço.

Já foi colônia portuguesa, persa e britânica, famosa por seus pescadores de pérolas. Hoje é um “case” da economia pós-petróleo. Dos seus 1,5 milhão de habitantes, 25% são paquistaneses, afegãos, indianos, norte-americanos e britânicos.

Sem constrangimentos

Hoje, Bolsonaro chega ao Catar, um emirado absolutista e hereditário comandado pela Casa de Thani desde meados do século XIX. O xeque Hamad bin Khalifa Al Thani destituiu seu pai, Khalifa bin Hamad al Thani, em 1995, com um golpe de Estado. O presidente fará um passeio de moto em Doha, cuja arquitetura futurista é de tirar o fôlego. A agenda oficial inclui uma visita ao estádio Lusail, construído para a Copa de 2022. Os jornalistas, por mudanças nas regras sanitárias de véspera, foram proibidos de entrar no emirado.

O Catar foca os investimentos em setores não energéticos, porém, o petróleo e o gás ainda representam mais de 50% do PIB do país, cerca de 85% das receitas de exportação e 70% das receitas do governo. Suas reservas de petróleo, estimadas em 15 bilhões de barris, podem durar mais 37 anos. As de gás natural, cerca de 26 trilhões de metros cúbicos, representam 14% das reservas totais do mundo, a terceira maior reserva do planeta. O país exporta petróleo e derivados para China, Coreia do Sul, Japão e Índia. Importa aviões, carros, helicópteros e turbinas a gás de Reino Unido, França, Alemanha e China.

Ao contrário do que aconteceu na viagem à Itália, onde enfrentou protestos populares, Bolsonaro não passou por constrangimentos nesses emirados, que reprimem duramente a população, mas são “cases” de modernização autoritária. Aproveitou a viagem para reforçar sua agenda interna e agradar sua base conservadora, com declarações polêmicas sobre a situação da economia brasileira, o desmatamento da Amazônia, as provas do Enem e o aumento dos servidores, anunciado para legitimar a aprovação da PEC dos Precatórios no Senado. A estratégia serviu de contraponto à viagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Europa, cujo ponto alto foi seu discurso no Parlamento Europeu, onde foi aplaudido de pé.